

Não podemos deixar de nos preocupar e sentir incomodados com a expansão da produção acadêmica. Ela parece seguir o ritmo de produção em massa que caracteriza a economia desde o alvorecer da Segunda Revolução Industrial, onde já no início, Henry Ford introduziu a linha de montagem. Vivemos até hoje as conseqüências e desdobramentos de produzir e comercializar em massa bens e serviços. E o texto de Marcelo e Cristina nos lembra que isto está ocorrendo, agora aqui neste, até recentemente, pacato Brasil, também na produção de bens e serviços acadêmicos. Digamos que os produtos são livros, artigos, capítulos e submissões à ANPAD. Poderíamos agregar mais de dois milhares de cursos de graduação, algumas dezenas de programas de pós-graduação *stricto sensu* e uma aparentemente inesgotável fonte de cursos de profissionalização que vão desde alguns poucos mestrados profissionais (MPAs) até MBAs de duração e conteúdo absolutamente flexíveis, alguns deles caracterizados pelo exotismo de nada terem a ver com administração de negócios.

Certamente tudo isto é surpreendente se lembrarmos que Peter Drucker só fez um curso de graduação quando ainda jovem em sua nativa Viena e que até meados do século XX a maioria dos professores em universidades européias não possuíam o doutorado. Em nosso país, a institucionalização da pós-graduação se deu apenas a partir da década de setenta e antes dela doutorados eram raros, a maioria dos professores universitários era apenas formada em nível de graduação. Os raros doutores adquiriam o título já quando suas carreiras acadêmicas se apresentavam consolidadas e a tese era um depoimento à comunidade acadêmica de maturidade e criatividade intelectual. Seguramente uma contribuição à área de conhecimento envolvida. Se não se publicasse não se perderia. Mas quem optasse por fazê-lo que o fizesse apenas se tivesse algo a dizer. Cabe aqui a lembrança dos conselhos de Rainer Maria Rilke a um jovem poeta a quem recomendava só escrevesse quando não suportasse mais deixar de fazê-lo. Quando a pressão interior por escrever não pudesse mais ser contida. Se tais conselhos fossem hoje ouvidos a maioria dos programas de pós-graduação seria descredenciada pela CAPES e o CNPq poderia encontrar alternativas para os recursos do contribuinte gastos em programa de pós-doutoramento.

Estamos em nosso país a seguir uma tendência mundial. O número de *outlets* deverá também expandir-se aumentando a listagem Qualis a fim de poder abrigar um número crescente de trabalhos. E os anais do ENANPAD também crescerão e deveremos passar a ter mais reuniões além do encontro anual de setembro. Como já tivemos ENEOs e este ano 3E, deveremos passar a ter reuniões setoriais por áreas de interesse, concentração, linhas de pesquisa, áreas temáticas e outras coisas mais. Isto não é exclusivo da administração, mas ocorre em todas as áreas de conhecimento. Estou certo que se tomarmos ao acaso qualquer campo e formos seguir os seus passos, encontraremos a mesma ritualização com encontros e *outlets*.

A questão de importância não é lamentar a mediocridade e a irrelevância da maioria das coisas produzidas, mas saber se alguns benefícios podem ser colhidos de tais fenômenos. A massificação contém méritos indiscutíveis. Retomando os passos de Theodor Adorno sobre a indústria cultural e a deterioração do gosto, poderíamos tentar imaginar quais as chances que alguém teria na Europa de meados do século XIX de ouvir as nove sinfonias de Beethoven. Mesmo que se vivesse em Paris, Londres ou Viena seriam muito pequenas. Num país como o Brasil, a probabilidade seria próxima de zero. Atualmente você poderá ouvi-las quantas vezes desejar, em CD, DVD, Vídeo cassete e mesmo indo a concertos num

* Professor Titular FGV/EAESP

razoável número de centros onde orquestras sinfônicas executam as obras do grande gênio. Sempre caberia observar que a maioria das execuções ao vivo não tem a qualidade e a pertinência das execuções de um pequeno número de conjuntos sinfônicos. Nada contra o Rio Grande do Sul, mas creio que mesmo os gaúchos mais machos concordariam que a Sinfônica de Londres e a Filarmônica de Berlim tocam Beethoven melhor que a OSPA- Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, pelo menos por enquanto.

A massificação não elimina necessariamente a qualidade, nem conspira contra ela. E a massificação permite que se perceba amplamente a estratificação existente num sistema. O Provão explicitou algo de há muito conhecido: o sistema escolar de terceiro grau entre nós é bastante estratificado e as instituições se distribuem de A até E. A proliferação de artigos, teses, dissertações e anais de encontros acadêmicos e científicos permite que se perceba que a maioria das publicações são de reduzida ou nenhuma relevância e que certamente não resistirão a prova do tempo. E o que é mais importante, não impedem que coisas boas, relevantes e criativas sejam produzidas e divulgadas. Na nossa área organizacional, poderíamos tentar explicar apelando, como freqüentemente se vem fazendo, ao neo-institucionalismo. A maiorias das publicações e submissões são feitas não porque haja pressões interiores, à maneira de Rilke, mas muito exteriores, onde se fazem presentes, a coerção, a imitação e as regras do jogo.

A proliferação, inegavelmente de qualidade duvidosa para a maioria dos trabalhos apresentados e publicados, não impede que se tenha produção de qualidade. As coisas talvez sempre tenham sido assim. Lembremos que Antonio Salieri compôs mais de quarenta óperas, outros compositores cujos nomes não encontram nem mais registro em nossos dias, alguns milhares e que Mozart não chegou a uma dezena, ficando aproximadamente outra dezena para Wagner. Vivêssemos ao longo do século XIX e final do XVIII e ficaríamos assustados com a proliferação de mediocridades e irrelevâncias líricas.

Se atentarmos para uma arte contemporânea como o cinema, acredito que caberiam as mesmas observações. Nada mais impressionante do que a produção em massa da indústria de Hollywood e dos produtores indianos. O Oscar, mega contraparte de nosso ENANPAD, vem registrando poucos filmes que possivelmente permanecerão. Mas ao longo das décadas construiu-se uma cinematografia, como acredito se vem construindo alguma coisa em administração de maneira geral. Certamente não com a velocidade desejável. Se quisermos deixar de lado a pitada de maldade, presente em todo analista que faz uso do neo-institucionalismo, poderemos até imaginar que parte dos trabalhos publicados e submetidos constituem um processo de aprendizagem. Afinal, devemos reconhecer que outro ingrediente de uma sociedade que produz e comercializa em massa é que ela também educa em massa. Já se falou em *over schooled society*. E sabemos que a maioria das ocupações não exige grau universitário para o seu exercício. Mas já que se escolariza, é inteligível e meritório que haja um esforço para apreender. No caso a escrever, pesquisar e publicar trabalhos que sejam considerados científicos.

Talvez a última coisa a acrescentar às legítimas preocupações de Marcelo e Christina seja a necessidade de se trazer à cena a virtude pouco encontrada num mundo massificado, a paciência.